



Discurso do Presidente da Câmara Municipal de Odemira na Sessão Solene da Assembleia Municipal comemorativa do 50º aniversário do 25 de Abril

50 Anos do 25 de Abril ou um Caminho de Paz e de Esperança

Exma Sra. Presidente da Assembleia Municipal;
Exmas Sras. e Srs. Vereadores;
Exmas Sras. e Srs. Presidentes de Junta de Freguesia;
Exmos Sras. e Srs. Membros da Assembleia Municipal;
Exmos Sras. e Srs. Convidados;
Comunidade Odemirense que escolheu estar aqui nesta manhã a celebrar Abril

Decorridos 50 anos sobre o dia 25 de Abril de 1974 só me ocorre a palavra desigualdade. Porque foi pelas desigualdades que aquele dia se fez, mas também me ocorre esta palavra porque eu na altura tinha 3 anos e é essa a idade até à qual as desigualdades vividas mais impactam sobre a nossa vida, no resto das nossas vidas. É, no fundo, sobre como matar as desigualdades que vos quero falar hoje.

A data “25 de abril de 1974” significa liberdade e democracia. É esse o momento, há 50 anos, que alterou de forma significativa o nosso país, o nosso concelho, as nossas vidas. Desde então todos os dias e todas as datas fazem parte do processo de consolidação do que conquistamos em 25 de abril de 1974. Se hoje afirmamos que nada está nem deve ser dado como garantido, que a democracia é uma preciosa fragilidade então, todos os dias que distam de hoje a esse já distante 25 de abril de 1974 foram dias de afirmação da democracia e da liberdade conquistada.

O pós-revolução é marcado por um período de políticas efémeras, mas que deixaram um rasto profundo no país. Deixaram esse rasto, apesar de efémeras, porque tinham como propósito maior romper com desigualdades. É interessante, no propósito destas políticas, podermos fazer um paralelismo inverso com o que diz Maquiavel “...aquele que se torna senhor de uma cidade habituada a viver livre e não a destrói deve esperar ser destruído por ela.”¹

É com base nesse profundo desígnio de destruir as desigualdades que foram desenvolvidas ações e políticas como: as campanhas de Dinamização Cultural e Ação Cívica; as campanhas de Alfabetização e Educação Sanitária; as campanhas do Serviço de Apoio Ambulatório Local; o Serviço Cívico Estudantil; o Serviço Médico à Periferia; e, ainda que com uma dimensão diferente, contestada e objeto de forte resistência, a Reforma Agrária.

É importante sublinhar que estas políticas e ações de rutura implicaram mitigar as desigualdades na Educação, Saúde, Habitação e Alimentação (pão). Não é a canção de Sérgio Godinho, até porque em bom rigor devemos crescer a Cultura, mas diz bem das dificuldades que a população vivia, mais ainda fora dos centros urbanos, e diz bem da importância da revolução.

¹ Maquiavel, N. “O Príncipe”

Foram efémeras, mas contribuíram muito para diminuir a mortalidade precoce de adultos e crianças, contribuíram para salários dignos dos homens e mulheres que trabalhavam nos campos, contribuíram para muitos terem casas onde viver com condições e contribuíram para que muitos passassem a ser capazes de ler, de ler as cartas de amor e de ler os futuros imaginados em livros e jornais.

Em Odemira temos que realçar o papel do Serviço Médico à Periferia que, para além de nos ter dado o primeiro presidente de câmara eleito, deu um contributo imenso para que todos e todas tivessem acesso à saúde. Na mesma linha de impacto importa realçar o papel fundamental de infraestruturação e de mobilização cívica das comissões de moradores. Foram dezenas em todo o concelho e são elas a base do extraordinário movimento associativo do concelho de Odemira. Nada se perdeu, tudo se transformou.

Exma Sra. Presidente da Assembleia Municipal;
Exmas Sras. e Exmos Srs.

Hoje, o estado do mundo e do país, é marcado por uma aparente escalada dos conflitos militares, é sublinhada pelo aumento claro dos tons de discurso belicista e de exclusão de pessoas e comunidades. É um mundo que parece disposto a reafirmar a teoria de uma suposta natureza humana má, de uma natureza humana que quando posta à prova cava fundo as desigualdades.

Hoje, o caldo social e político global parece contradizer Piketty quando afirma que “existe, desde o final século XVIII, um movimento a longo prazo em direção à igualdade”². Ainda assim, este estado de coisas pode constituir-se, segundo o pensamento do mesmo autor, como mais um momento de pré “revolta” que venha contribuir para mitigar desigualdades, mesmo sem garantias de que as desigualdades derrubadas e/ou substituídas deem origem a instituições justas. A igualdade é, na verdade, boa parte do horizonte utópico que nos impele sempre a avançar pelo caminho fora.

Mesmo que algum discurso dominante seja no sentido de não deixarmos ninguém para trás, a verdade é que estamos a deixar muitos e muitas para trás. O nosso modelo económico e social assente na ideia de sermos “ensinados a querer” como diz Cátia Oliveira tem criado ruturas imensas na forma como nos relacionamos com o outro, como estamos disponíveis para ouvir e acolher o diferente e como estamos abertos a construir uma comunidade solidária, justa e livre.

Cada um de nós, aqui em Odemira, longe de todos os conflitos, sentiu e sente a forma como o nosso custo de vida, sem ter uma explicação entendível como justa, passou de boa e/ou aceitável a quase insuportável.

É difícil imaginar, nestas condições, uma capacidade coletiva de aceitar o outro, aceitar mudanças e aceitar sofrer quando a nossa vida diária nos parece difícil de conseguir. Max Frisch dizia, a propósito das dificuldades de integração de Italianos na Suíça que “queríamos trabalhadores e em vez disso recebemos pessoas”. Esta é uma frase que retrata bem a visão utilitária que temos das pessoas e representa muito bem a razão porque muitos jovens no seu começo de vida profissional, muitos adultos mais vulneráveis e muitas mulheres sentem que não contam, sentem que são invisíveis e que, também por isso, se revoltam, usando, entre outras, a arma do voto.

É inexplicável a quantidade de crianças e jovens que não vivem em paz, não conseguem articular a palavra esperança e muito menos compreender o significado de futuro. Será que temos uma massa humana que anseia viver nos destroços da sua própria vida? Será que temos crianças e jovens em cujo âmago germina naturalmente a raiva, o ódio e o ressentimento pelo próximo? Será que a humanidade é intrinsecamente má?

Como refere o Papa Francisco, a propósito das desigualdades, “É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença”, propondo “... um debate que nos una a todos, porque o desafio ..., que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós...” diz ainda que “Precisamos de uma nova solidariedade universal... (que) todos podemos colaborar, ..., cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades.”³ Francisco incita a uma “revolta” da natureza humana, onde todos e todas contam, contra o fatalismo de uma suposta maldade que nos consome.

² Piketty, T. “Uma breve história da igualdade”

³ Papa Francisco “Louvado Sejas. Carta Encíclica *Laudato sí*. Sobre o cuidado da casa comum.

É aqui que entra Bregman quando nos propõe que viremos "... a sociedade do avesso..." com uma ideia que considera de tal forma radical que poderia iniciar uma revolução. Uma ideia radical mas, afinal, simples "...de que, no fundo, a maioria das pessoas é bastante digna..." baseando a sua teoria no facto de que a ascensão do homo sapiens resulta, fundamentalmente, da sua capacidade de se relacionar e cooperar com os outros, o mais incrível dos superpoderes. Não resulta de um cérebro incrível, de uma força superior ou de uma agilidade soberba. Foi, é e será a capacidade de cooperarmos que nos distinguiu, distingue e distinguirá da selva e que nos fez chegar aqui. E, se é assim, então somos melhores do que piores!

Na verdade, são inúmeros os exemplos da natureza boa da humanidade, até de como ela, contraintuitivamente, tende a emergir em situações de crise e de catástrofe, mas a maioria das notícias que consumimos e que recordamos - porque estamos programados para evocar e dar atenção mais rapidamente e intuitivamente ao que é negativo - tende a exaltar os feitos das coisas más. Existem sim razões mais do que suficientes para desejarmos um presente e termos esperança num futuro melhor. Existem histórias incríveis de solidariedade e de cooperação em tempos difíceis como os tempos de guerra, os tempos das revoluções e os tempos das pandemias, lembro-me bem da forma solidária como nós todos em Odemira vivemos o período do COVID.

O 25 de abril é um desses exemplos e um dos momentos mais marcantes da nossa sociedade, que precisamos de continuar a comunicar, a celebrar e a fazer dele caminho para combater as desigualdades.

Exma Sra. Presidente da Assembleia Municipal;
Exmas Sras. e Exmos Srs.

Este é o tempo em que uma das mais importantes conquistas do 25 de abril de 1974, o poder local democrático, mesmo vivendo uma das suas maiores encruzilhadas, tem que assumir políticas públicas locais que rompam, de novo, com desigualdades. É bem verdade que as autarquias foram, historicamente, as grandes responsáveis por infraestruturar o país e que essa tarefa elevou muito os níveis de dignidade e qualidade de vida em Portugal. Em todo o Portugal. As condições básicas foram sendo conseguidas e democratizadas graças à capacidade, mais do que reconhecida, de fazer muito com pouco e de, apesar de tudo, procurar não deixar ninguém, nenhuma freguesia, lugar, pessoa para trás.

Essa é uma tarefa que não acabou. Sempre incompleta. Mesmo que hoje, mais do que infraestruturas novas, seja um tempo de manutenção e de modernização dessas infraestruturas. Mas hoje é um tempo em que temos que olhar para as iniquidades de uma sociedade em que não basta ter emprego para não se viver em situação de pobreza, um tempo em que o acesso, aos serviços públicos de interesse geral, obrigam a novas literacias e/ou a deslocações diferentes daquelas a que estávamos habituados. Hoje é um tempo em que as desigualdades, tendo a mesma natureza, são mais complexas, mais multideterminadas, e, por isso, exigem maior proximidade, diferentes atores e inter-relações nas soluções.

É neste sentido que importa desenhar um conjunto de propostas de política pública local, por mais difíceis e desafiantes que sejam, que tentem ser uma nova barreira contra as desigualdades, mas mais próximas, mais contidas e, ao mesmo tempo, mais centradas na ideia de que sendo para todos possam atender mais as necessidades específicas de cada pessoa.

Uma primeira ideia centrada na mulher e na criança onde "**nenhuma mulher grávida pode viver em situação de pobreza**". É durante a gravidez e nos primeiros anos de vida dos bebés que cada euro investido garante maior retorno para cada vida e para a sociedade e é nesse momento onde podemos e devemos investir em futuro, garantindo que todas as crianças podem fazer escolhas, porque não foram condicionadas desde o berço.

Uma segunda proposta passa por estruturar a "**oferta educativa para todos e para cada um**". Num território com uma diversidade imensa de línguas e culturas, mas também com uma diversidade enorme de expectativas sobre a escola, importa, com base na escola pública, garantir percursos escolares de sucesso e de bem-estar para cada uma das crianças e jovens do nosso concelho.

Uma terceira proposta passa por estruturar um modelo de produção, transformação, acondicionamento, fornecimento, confeção de alimentos em escolas e restaurantes com base no conceito de bacia alimentar local e na Dieta Atlântica. Ou seja, um projeto de "**alimentação saudável e local**".

Uma quarta proposta, passa por construir um modelo de mobilidade interno com base nos recursos disponíveis tendo como objetivo o acesso das pessoas a serviços, eventos e espaços, construindo assim uma **“mobilidade para todos, em todo o território”**.

Finalmente, uma quinta proposta passa por criar um projeto de mobilização dos **“jovens para uma comunidade livre e justa”**. Para que parte do nosso futuro, os jovens do nosso concelho, tenham e construam esperança em Odemira, mobilizando-os para processos de co-construção de vínculos ao território com base na sua voz, nas suas necessidades e expectativas: sejam de emprego, de habitação, de “movida” e/ou de liberdade de expressão pessoal.

São cinco as propostas de política pública local para uma nova rutura com as desigualdades. Quais são as desigualdades que queremos mitigar? São na Educação, na Alimentação, na Saúde, na Habitação e no Acesso ao emprego, aos serviços e à cultura. Nada de muito novo, dirão... Mas algo que se constrói todos os dias. Conforme Abril.

Exma Sra. Presidente da Assembleia Municipal;
Exmas Sras. e Exmos Srs.

Sei bem que as desigualdades não se deixam matar, mas também sei que elas têm forma de serem mortas. Primeiro temos que ser capazes de as ver e para isso podemos regressar ao ensinamento de Platão quando ele diz que **“Reconhecerás que o Sol proporciona às coisas visíveis, não só, segundo julgo, a faculdade de serem vistas, mas também a sua génese, crescimento e alimentação, sem que seja ele mesmo a génese”**⁴

Depois de vermos com clareza toda a dimensão das desigualdades, temos que ser capazes de as tratar com o cuidado de estarmos a tratar de cada pessoa e de todas as pessoas, porque as desigualdades não se arrancam das pessoas, antes diluem-se com os laços e com a confiança das e nas relações. É essa mistura de esperança e sonho que vai preenchendo e sarando os rasgos que a dúvida e o medo vão deixando.

Se os dias de hoje introduzem novas dúvidas e, com elas, novas desigualdades, por exemplo corporizadas por Algoritmos ou pela IA, importa que nos agarremos ao superpoder da humanidade e que investamos no reforço dos laços entre pessoas. Este superpoder está em cada um de nós. Mas depende de cada um de nós estarmos atentos ao outro, cuidarmos do outro, não deixarmos que ninguém seja invisível ou indesejável.

Passados 50 anos do 25 de abril de 1974 volta a ser fundamental que olhemos para as pessoas pois elas são “o sol” que nos permite ver melhor as desigualdades, génese das revoluções, para sobre elas melhor atuarmos.

Façamos, pois, com que todos contem, com que todos importem. Com isso faremos uma boa revolução de novo, uma revolução com cravos e novas utopias de igualdade, onde todos somos a revolução.

Viva o 25 de Abril
Viva Odemira
Viva Portugal

O Presidente da Câmara Municipal de Odemira,
Hélder Guerreiro, Eng.

25 de abril de 2024

⁴ Platão “Alegoria da Caverna”

